RELIGIOSIDADES EM MACHADO DE ASSIS

Valdeci Rezende Borges [1]

Resumo:

Este artigo focaliza algumas formas e experiências religiosas presentes na obra de Machado de Assis.

Abstract:

This articlhe focuses on some forms and religious experiences in Machado de Assis´works.

Recorrendo às reflexões de Ginzburg(1989:143-180), segundo as quais os historiadores são descendentes dos feiticeiros por atingirem o conhecimento a partir da intuição, da conjectura e do olhar atento aos pequenos detalhes, aos pormenores e coisas miúdas, busco acessar as formas de religiosidade na cidade do Rio de Janeiro, com base na obra de Machado de Assis, recolhendo, aqui e acolá, menções, pegadas residuais, ligadas às experiências cotidianas dos indivíduos com o sobrenatural e o divino. Tais detalhes aproximados compõem e revelam aspectos diversos do campo religioso carioca, que é múltiplo e híbrido, pois constituído pela presença do cristianismo, católico e protestante, pelo catolicismo oficial e popular, assim como pelo espiritismo kardecista e pelas práticas afro-ameríndio-brasileiras.

Esse campo da cultura é trespassado por transformações, emergências de novas ofertas de doutrinas e convivência de formas religiosas de origem e sentidos diversos, sendo oportuno falar de religiosidades, no plural, e pensá-los mediante a premissa de Bourdieu(1977:56-7), de que a esfera religiosa é um campo de batalhas, que opera com base em relações de forças compreendidas como embate entre as próprias concepções de religião, as práticas discursivas e comportamentais dos indivíduos de segmentos sociais diversos atreladas a essas diferentes perspectivas religiosas e, ainda, a disputa entre essas formas e outras visões de mundo.

[1] Professor do curso de História da UFG- Campus de Catalão, membro do NIESC, doutorando em História pela PUC/SP.

Combates e Batalhas nos Reinos dos Cristãos

As manifestações de crença e descrença ao redor do catolicismo são predominantes devido a suas forças como o regime oficial desfrutado como religião do Estado brasileiro até 1889, quando se separam Igreja e governo temporal, estabelecendo a liberdade dos cultos. Desse ato, para Machado, em 1895, a questão substancial é a liberdade, pois a Constituição republicana, no artigo 72, "acabava com a religião do Estado, e não lhe importa que cada um tenha a que quiser". Anteriormente, em 1893, o cronista já dizia que "Apesar da separação da igreja e do Estado, viviam ambos em tal concórdia, que antes pareciam casados de ontem, que divorciados dessa manhã. O esposo dava uma pensão à esposa; a esposa orava por ele. (...) A razão do esposo é um princípio, a da esposa é outro princípio". Para aqueles clérigos que afinavam com esse enunciado, ansiando pela libertação da Igreja dos poderes temporais, por uma convivência tranqüila e diferente entre essas duas esferas, quando apareceu o decreto que aboliu o padroado, muitos conflitos e tensões que abalaram a sociedade nas últimas décadas pareciam findar e o folhetinista chegou a encontrar um velho padre que era a figura da "felicidade pura", trazendo "um grande riso nos olhos".(Machado de Assis, 1957b:25 ; 1959a:307)

Porém, antes da extinção da oficialidade da religião do Estado, o cronista mostra um crescente avanço das doutrinas protestantes e, logo, um reboliço no campo de forças, marcado por polêmicas e tensões. Não sendo a liberdade religiosa completa, em 1864, o jornal católico *Cruz* reclamava que o governo e o parlamento faziam e executavam "algumas leis de tolerância religiosa", lamentando, ainda, pela existência de "templos de seitas dissidentes nesta capital". Segundo Machado, isso nos atirava "para o tempo das perseguições religiosas", sobretudo, pelo "tom de ódio, de cólera, de rancor", como se exprimia naquele periódico. Meio ao clima de conflito, de concitação das "turbas à guerra religiosa", De Assis repele ainda tais atitudes ao tratar de outra folha católica, *Cruzeiro do Brasil*, que animava o povo contra outras religiões, praticando excessos como a um vendedor de bíblias protestantes e por responsabilizar o governo pela "propagação das doutrinas condenadas pela igreja", intimando-o "a fazer cessar a propagação dos metodistas".(Machado de Assis, 1955c:146,243-4)

Frente à posição do *Cruzeiro do Brasil*, o cronista julgou "ser lamentável que se imprimiam coisas tais em um país onde a liberdade religiosa, se não [era] completa, [estava] já adiantada", pois a constituição garantia a liberdade de culto. Para ele, a folha "em vez de apelar para a força do governo" deveria "apelar para a palavra do clero", a quem incumbia "combater as doutrinas" em propagação. Posteriormente, acrescenta que "há muito tempo que a palavra sagrada serve de instrumento aos incapazes e aos medíocres", embora houvesse "exceções, mas raras". No seu dizer, "o clero é medíocre",

ao entender que "para falar do alto do púlpito basta alinhavar meia dúzia de períodos fofos" com "um tom lamentoso, de efeito puramente teatral", para "comover os fiéis", modulando "a voz, com o fim de fingir uma dor, que só é eloqüente quando é verdadeira." Assim, os sacerdotes, recorrendo a imagens do diabo e do inferno, não atraiam os fiéis, mas assustavam, não convenciam, mas aturdiam, não infundiam a contrição, provocavam a atrição.(Machado de Assis, 1955c:243-4, 326-8)

Nessa arena de disputas, em 1876, Machado esclarece que, conforme a "Constituição, há uma religião do Estado, a católica", mas que "os outros cultos são tolerados", como o protestantismo, embora não pudessem ter forma externa de templo, por ser inconstitucional. Já em 1888, diz que existia um projeto pendente de reforma de lei da câmara do senado, ao mesmo tempo em que via escrito numa fachada o letreiro: *Igreja evangélica,* o que infringia a lei, levando-o a acreditar que a reforma podia esperar e que a transgressão era muito melhor.(Machado de Assis, 1959c:159-60 ; 1956c:174).

Na sua ficção, o protestantismo aparece em pelo menos dois momentos. Em *A Mão e a Luva*, de1874, que remete a 1853, a personagem Mrs Oswald, uma inglesa dama de companhia de uma baronesa, age, segundo o narrador, "como boa protestante que era", tendo "a Escritura na ponta dos dedos", dando conselhos moralizantes à jovem Guiomar e citando passagens e personagens bíblicos em nome da felicidade da família, que era toda "a ambição da [sua] alma". Já, em *Quincas Borba,* de1886, que remonta aos anos entre 1867 e 1871, Rubião, que protegia as sociedades pias, era "juntamente sócio de uma Congregação Católica e de um Grêmio Protestante", não se lembrando, certa ocasião, "de um quando lhe falaram do outro", pois "o que fazia era pagar regularmente as mensalidades de ambos".(Machado de Assis, 1957a:84-6 ; 1957f:283)

Mas, se a igreja católica debatia-se contra as igrejas protestantes, Machado combateu ainda mais as práticas dos católicos que julgava equívocas. Já na juventude, com a pena em punho e de flerte com as idéias liberais, investia contra o clero e mesmo os Papas, clamando por modificações na Igreja pela "influência do espírito moderno", por acreditar que o "espírito do Vaticano" achava-se "como no tempo de Galileu" e o santo padre, "o débil velho", lançava "contra o espírito moderno a mais peremptória condenação".(Machado de Assis, 1955e:42 ; 1958a:89 ; 1955c:298-9)

São várias as crônicas em que Machado criticou severamente a Igreja e os desvios das práticas sacerdotais advindos das forças de secularização, embora ressaltasse que tais posições não significavam uma tibieza do seu espírito católico. Para ele, em 1863, num país novo como o Brasil, "cuja maioria se divide em dois campos, a **indiferença** e a **carolice**, a missão dos ministros do altar era outra, era missão apostólica, tolerante, elevada, a fim de convencer os incrédulos, e trazer os fanáticos ao conhecimento dos verdadeiros prin-

cípios da Igreja." No entanto, "em vez disto, os padres divertem-se em lançar às urnas eleitorais a interdição religiosa ou a escrever gazetas sem tom nem som..." expondo uma intolerância considerada "ridícula" e "funesta" aos "verdadeiros interesses da igreja", advinda de "um clero pela maior parte ignorante, sem prestígio (...) mas também sem escrúpulos". Considerava "grosseiras" as práticas da igreja e do clero, "tacanho e mesquinho", que "nada enxerga para fora das paredes da sacristia". Pedia por "uma reforma completa", de modo a fazer, "do culto uma coisa séria, tirando-lhe o aparato e as empoeiradas usanças", próprios "para produzir o materialismo e tibieza da fé". Julgava que a educação religiosa do nosso povo, "a maneira por que se lhe incute a fé" e a palavra cristã, era feita por meio do "espetáculo" e do "fausto profano", o que levava "para o materialismo, para a indiferença e para a morte da fé". (Machado de Assis, 1955b:350-2,388-9. Grifos meus)

Já, em 1864, ao posicionar-se contrariamente frente à condenação do livro de Renan, *Vida de Jesus*, por um monsenhor, dizia que a "pior prosa deste mundo" é a clerical, contrapondo-se aos argumentos do clérigo, que aconselhou o exílio do livro e insinuou que todos os bons católicos deveriam queimá-lo, por ser ímpio. Para o cronista, tal conselho, em tempos de liberdade e de civilização, era "simplesmente ridículo", deixando-o pasmo, pois embora achasse o livro absurdo, nem por isso foi lançá-lo à fogueira depois da leitura e nem perdeu suas crenças. Entretanto, se Machado assim afirma, quais seriam os motivos de sua descrença para com a Igreja? Seria apenas oriunda de suas observações da realidade que o circundava e dos horrores que via? Quem eram os responsáveis por seu afastamento daquela? (Machado de Assis, 1955c:219-28)

De Assis condenava outros desvios da vida sacerdotal como a atitude pecuniária do clero avarento mais preocupado em arranjar "alguns contos de réis para as *gravíssimas necessidades* do pontífice" do que em converter pessoas. No seu dizer, "o triunfo máximo é o triunfo pecuniário" e, sendo assim, combatia "as demasias clericais", a "Santa Pecúnia", pela qual o clero orava. Nesse contexto, de clérigos "avarentos", "perfumados, que ricas aljubas vestiam", expressava contra "a baixela de ouro dos papas", a "Roma sempre em prazeres" e as casas de oração onde "reina muita hipocrisia", como a venda de "bentinhos para ter perdão dos pecados". Considerava essa prática "assaz cômoda e lucrativa", uma "política" que prende um pecador e o absolve, cometendo um "atentado" ao sagrado ao reduzir tudo "a somas de dinheiro", apontando vários casos, como a venda de medalhas de chumbo com a caricatura da virgem, que o padre "benze, e fica-se livre dos crimes cometidos"; a troca da imagem de N. S. da Conceição da Aparecida por um mil-réis para livrar-se de catástrofes ; a benzeção e venda de velas por dois mil réis pelos padres, e a associação dos sacerdotes e sacristães para vender caro as missas. Diante disso, dizia: "Viva Deus e a nossa algibeira" ou ainda, se

"Deus escreve direito por linhas tortas: os *Apóstolos* [os padres e seus veículos, inclusive impressos] são as linhas tortas da sua escritura". (Machado de Assis, 1958a:187-9,197,205-6,245,249 ; 1959a:22)

Machado fustigava ainda os padres glutões e os padres em mancebia. Desta forma sua descrença para com a Igreja advém de modo mais direto da percepção dessas práticas desviantes, viciadas e contraditórias, o que nos ajuda a compreender seu afastamento das atividades católicas, inclusive, na hora da morte, negando-se a receber os últimos sacramentos, embora afirmasse que não era "absolutamente" materialista. Para além desses aspectos, podemos apontar inumeráveis recorrências à doutrina cristã em sua obra, sendo várias as referências à *Bíblia*, porém, quase sempre, em forma de paródia, sobretudo, ao *Eclesíastes*. Desse modo, a partir da obra sagrada utilizada e citada de modo deformado pela ironia, buscando atingir efeito cômico e expressando uma leitura crítica, criou diversas crônicas e contos, mantendo com aquela relação intertextual direta. Dentre os contos perpassados pela temática religiosa ou tecidos ao redor de suas práticas, destacam-se *Missa do Galo*, *Na arca*, *A Igreja do Diabo*, *Manuscrito de um sacristão*. Neste último, um sacristão perspicaz trata do amor progressivo do padre Teófilo pela prima Eulália e, já nos hilários *A Igreja do Diabo* e *O Sermão do Diabo*, faz crítica bem humorada às práticas enviesadas dos católicos, que, dizendo-se cristãos e seguidores dessa doutrina, comportam-se de modo totalmente oposto às Escrituras e às pregações.

Em *A Igreja do Diabo*, o demônio teve a idéia de fundar sua igreja, apesar de, mesmo a sem esta, "os seus lucros" já serem "contínuos e grandes", mas sentia-se humilhado por não ter organização, regras, cânones e rituais. Estabelecendo-os, seria "Escritura contra Escritura, breviário contra breviário" e teria sua "missa, com vinho e pão à farta", suas "prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico" para negar tudo o que as outras religiões, de Maomé, de Lutero... afirmam. Decidido, comunicou a idéia a Deus para desafiá-lo e, ao voltar à terra, espalhou a doutrina nova prometendo delícias e glórias. Clamava que as virtudes aceitas deveriam ser substituídas por outras, "naturais e legítimas", como a soberba, a luxúria, a avareza, a ira, a gula e a inveja, esta última, a virtude principal. Trocou todas as noções "fazendo amar as perversas e detestar as sãs". A fraude, a venalidade, o preconceito, a hipocrisia, a calúnia, o ódio, o desprezo, o adultério foram valorizados e seus opostos negados. Fundada a igreja, a doutrina propagou e "o Diabo alçou brados de triunfo".(Machado de Assis, 1957d:7-20)

Porém, um dia, "longos anos depois, notou que seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes", o que o deixou assombrado com as fraudes. Pasmado, não refletiu, nem comparou e nem concluiu "do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado" e, voando ao céu, disse tudo a Deus, que ouviu com complacência e falou: "_ Que queres tu, meu pobre

Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana".(Machado de Assis, 1957d:20-2) Ou seja, os católicos e a igreja católica com suas capas de veludo, ocultavam por baixo atitudes vis, paninhos de algodão, acabando por deitar às urtigas a Escritura divina, praticando seu oposto e escondendo-se atrás de máscaras. Assim, revelava seu ponto de vista sobre essa instituição da qual expunha mazelas profundas, convicção frouxa, desvios e encenação.

Como um desdobramento desse conto e ainda no sentido de apontar que as atitudes dos cristãos estavam mais para levar ao inferno do que para ao céu, Machado produziu a crônica *O Sermão do Diabo*, dizendo ser um pedaço do evangelho do Diabo, "um sermão da montanha, à maneira de S. Mateus", que imita aquele da igreja de Deus. Nesse, a semelhança entre os dois evangelhos é destacada, e a aclimatação ao ambiente carioca e julgamento de sua gente é direta ao dizer: "1". E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos". Em seguida, expôs seus mandamentos, que são a negação dos divinos e glorificam os comportamentos tortos dos fluminenses oitocentistas, ao atrelá-los diretamente a suas ações e modo moderno de viver.(Machado de Assis, 1959a: 110-5)

Catolicismos: hábitos, costumes, rituais e valores

No entanto, procurando conhecer melhor as práticas católicas, encontramos muitas igrejas e deparamos com os sons de seus sinos permeando, regendo e encantando a vida urbana. São templos diversos, ricos e humildes, como as matrizes do Sacramento, da Glória, da Sé e as igrejas de São Francisco de Paula, da Candelária, de São José, do Carmo, da Lapa, do Espírito, de Santo Antônio dos Pobres, de São Domingos, da Lampadosa, além de outros dispersos por bairros distantes, acrescidos de capelas particulares em residências antigas, onde "muita gente da vizinhança ouvia missa aos domingos".(Machado de Assis, 1956b:165 ; 1955e:42 ; 1955i:94)

Para adentrar tais templos, seguimos a sugestão de Machado de observar se existia alguma janela aberta que indicasse a presença de pessoas lá dentro e encontramos um grande número de cônegos, padres e sacristães, como o padre Melchior de *Helena* e infindos outros. Dentre tal categoria social, esse sacerdote recebe de Machado grande simpatia, sendo descrito como "verdadeiro varão apostólico, homem de sua Igreja e de seu Deus, íntegro na fé, constante na esperança, ardente na caridade". Mas, como já visto, essa benevolência do cronista não se estende a muitos do clero; sendo restrita a algumas figuras, como "um velho padre", geralmente, ligadas à infância do escritor, quando fora coroinha.(Machado de Assis, 1955e:42;

1957b:25)

Se encontramos muitos clérigos nos templos, deparamos com seus afazeres e práticas que expressam e estão atreladas à fé dos cariocas, como sacristias, altares, imagens de santos, missas, algumas cantadas, água benta, sermões, orquestras, confessionários, confissões _ajustes de contas com Deus _, campainhas, rosários, livros de *Horas...*, circunflexões, fiéis saudando ao altar, serviços da última hora _ sacramentos aos moribundos, santos óleos _, procissões, opas, varas de pálio, fiéis ajoelhados, *irmãos das almas* pedindo esmolas para realizar missas àquelas e agradecendo em nome de Deus e da Virgem Santíssima, mas retirando, para si, as espórtulas maiores antes de voltar a sacristia .(Machado de Assis, 1957e:50 ; 1957c:60,97-9, 100-2, 234-5 ; 1957f:257 ; 1959d:16-21,301)

Para além desses hábitos, costumes e rituais, buscando aprofundar o conhecimento dessas experiências, atentamos para as formas de vivê-las. Encontramos fiéis em momentos especiais e marcantes de suas vidas e, ainda, em práticas ordinárias, como missas do dia-a-dia e aquelas celebrativas, próprias dos rituais de iniciação, como o batismo, e dos rituais de passagem, como aniversários, casamentos ou de separação como as missas de morto. Por meio das celebrações rituais do batismo e, em seguida, da festa comemorativa, a criança era iniciada no catolicismo e inserida na comunidade cristã, sendo ainda apresentada formalmente aos parentes, amigos e vizinhos. Por essa ocasião, geralmente acontecia comemoração em casa, como almoço ou baile.(Machado de Assis, 1957c:344 ; 1955a:392) Os padrinhos escolhidos, considerados pais e mães espirituais da criança, tinham o dever de não faltar em um momento difícil, como a morte dos pais, e eram amigos íntimos, parentes queridos e próximos ou pessoas importantes para a família ou na sociedade, as quais pudessem proporcionar sentimento de honra e orgulho aos pais e afilhados, como por serem influentes. Não raro, escolhiam o nome da criança, ou o decidiam em caso de dúvida dos pais.(Machado de Assis, 1955e:152 ; 1955f:12 ; 1957c:343 ; 1959d:41-2 ; 1957g:34-5 ; 1957a:61 ; 1957e: 44-5)

No entanto a escolha do nome não se dava de forma aleatória, estando inserida no sistema simbólico imediato de referência da sociedade, por meio do qual, inclusive, às vezes, buscava-se determinar alguns traços da personalidade e do futuro do indivíduo. Nesse sentido, ocorria um deslocamento importante, pois, embora Perpétua, por volta de 1871, tenha escolhido os nomes dos "santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo" para seus afilhados, sua atitude adequava-se à primeira metade do século, "quando (...) às crianças só se punham nomes de santos ou santas", de acordo com a tradição católica daquele tempo, mas agora já não se queriam "Anas nem Marias, Catarinas nem Joanas, (...) entrando em outra onomástica, para variar o aspecto às pessoas. ..." (Machado de Assis, 1957g:34-5 ; 1955i:51)

Para alguns homens, a primeira confissão ocorria por época da quaresma, o que levava a que muitos rapazes se escondessem debaixo da cama do padre confessor ou pelos desvãos da casa; já a segunda era "por ocasião de casar". A cerimônia de casamento era vista como momento de "santidade" e de "muita comoção", povoando sempre os sonhos das mulheres com festas brilhantes, muitos carros, vestido branco, flores de laranjeira, grinalda, padrinhos ilustres... Porém, em Machado, são poucas as cenas de casamento e, geralmente, só em fantasia, talvez por privilegiar, sobretudo nos romances, a vida das classes altas ou daquelas em ascensão, em que o casamento era um "negócio" político ou econômico e a devoção, assim como o sentimento religioso, frágil, entrando em declínio ainda maior frente a outras atividades da vida mundana.(Machado de Assis, 1955i:95)

Por meados dos oitocentos, novas formas de sociabilidade foram implementadas desassociando-se cada vez mais daquelas da religiosidade católica. Até então, nos momentos de cumprir as "*obrigações*" religiosas, relacionava-se com o mundo exterior, rompendo o enclausuramento usual, principalmente da mulher. No entanto a nova sociabilidade configurava-se ao redor de inusitados espaços, tempos e formas de recreio. O gosto pela "vida externa" crescia, enquanto os antigos hábitos e costumes marcados pela religiosidade, foram sendo desprezados e, em muitos casos, abandonados(Borges, 2001: 49-69). Nessa transformação da sensibilidade coletiva, ocorre uma inflexão dos sentimentos e valores relativos ao sagrado e um avanço das forças seculares. Essa alteração, apontada por Machado pode ser percebida por meio de um conjunto de indícios, como a retirada dos quadros de santos da decoração das casas mais abastadas, sendo substituídos, quase sempre, por "pequenas gravuras inglesas", ao passo que, "nas casas mais pobres", a Virgem era muita cultuada, possuindo "lugar excelso" na "devoção dos corações maviosos". Nessas, podia "não haver um Cristo, mas sempre [havia] uma imagem de Nossa Senhora".(Machado de Assis, 1955f:93 ; 1955j:91 ; 1957b:108)

A tibieza da fé e a escassez de padres ordenados indicam ainda a diminuição da inspiração religiosa e a expansão da secularização, ao lado da mudança referida nos novos nomes atribuídos aos nascidos não mais ligados ao imaginário católico.(Machado de Assis, 1955j:91 ; 1955i:51 ; 1959b:80 ; 1057c:263,308 ; 1957d:280; 1955e:13) Assim, muita coisa mudava nas famílias como o "uso antigo que um dos rapazes fosse padre", o que alterava a direção dada à educação, o sentido e o rumo a seguir pelas novas gerações, que, geralmente, aprendiam as "primeiras letras, latim e doutrina", em casa, com um desses clérigos. Eles incutiam noções, sentimentos e orientavam as escolhas, forjavam vocações religiosas em seus discípulos ao falarem de supostas manifestações daquelas, como ocorreu com Bentinho, que tinha seus brinquedos "sempre de igreja" e "adorava os ofícios divinos", brincando, mesmo

com Capitu, de dizer missas e tomando doce por hóstia. Porém, embora os estudos secundários fossem feitos ainda com base religiosa em seminários, os filhos, já mais autônomos, escolhiam profissões de maior prestígio socio-econômico, que oscilavam entre a medicina e o direito, influindo na queda da busca da vida religiosa, que foi acusada, em 1894, pelo ex-bispo da cidade, ao falar da "escassez de padres ordenados no (...) seminário" e das paróquias sem capelães.(Machado de Assis, 1959b:80)

Nesse contexto e sentido, até promessas célebres eram quebradas. Por mais que "o vínculo moral da promessa" prendesse "indissoluvelmente" D. Glória, mãe de Bentinho, descrita como devota e que havia prometido, lá por volta de 1847, dar a Deus o filho como sacerdote, caso não morresse na infância, o compromisso foi rompido posteriormente quando se encontrou a "saída" de substituí-lo por um "mocinho órfão" qualquer, como pagamento da oferta, para "compensar a batina" que aquele deitou "às urtigas", representando, segundo o narrador, "um cochilo da fé". Segundo Machado, o sentimento religioso era marcado por ações e expressões exteriores, visto que, interiormente, a incredulidade era assaz difusa e a devoção "magra", "tíbia e distraída". Para ele, nesse "tempo operou uma grande fusão religiosa", que fez "do paganismo e do catolicismo um só credo".(Machado de Assis, 1957c:263, 308 ; 1957d:280 ; 1955e:13 ; 1958b:328)

Mas, não era só a família de Bentinho que, em conformidade com o mundo e suas práticas socio-econômicas, negociava com o sagrado. O conto *Entre Santos* expõe situações interessantes em torno da devoção humana, ao passo que um padre conta certo ocorrido por época que era capelão da igreja de S. Francisco de Paula. Ao ver luz sob a porta do templo, buscou descobrir do que se tratava e, ouvindo conversa, fez inferências que nos revela o costume antigo de enterrar os mortos nas igrejas, ao perguntar se seriam vozes dos mortos ali enterrados. No entanto viu que era um diálogo entre os santos da igreja, que saíram dos seus nichos e que sentados, em forma humana, em seus altares, comentavam as orações e pedidos dos fiéis no dia. Dentre outros, São Francisco de Sales contou o caso de Sales, um velho "usuário e avaro", que trazia seu nome e tinha a mulher doente com um erisipela na perna, que "desesperançado da terra, voltou-se para Deus", pois "só um milagre podia salvá-la". Pediu que a salvasse operando o milagre, oferecendo uma perna de cera, mas, ao passo que estabelecia o compromisso, só via diante dos olhos a moeda que o ex-voto havia de custar e acabou prometendo rezar mil padre nossos e mil ave-marias.(Machado de Assis, 1957h:27-44)

Nesse momento, sobretudo entre as camadas sociais altas e em ascensão, a devoção ficava, sobretudo, relegada aos antigos e velhos como D. Carmo, que costumava ir à missa aos domingos e que, como outras damas, por fadiga, por doença ou por estar chovendo, quando não o fazia, pegava "o seu livro, com as suas rezas marcadas (...) à mesma hora...", acompanhava

a missa toda frente o seu altarzinho e seu Cristo, instalados no gabinete e, ao acabar, beijava a imagem." Essa senhora, de acordo com sua crença, não saía de casa sem a beijar primeiro, "como um pedido de proteção", nem voltava sem fazê-lo, "como a dar graças", como o fazia "ao deitar e ao levantar".(Machado de Assis, 1955i:197)

A igreja era lugar de exposição, seja em missas ordinárias, festas de santos, "missas de morto", de sétimo dia de morte e "por alma do finado". Aí se ostentava opulência e distinção social, sendo "objeto de curiosidade" pública, chamando a atenção sobre si com carruagens, lacaios, roupas e espórtulas vultosas, como o fizera o casal Santos, emergentes na sociedade na "missa de defunto, na igreja de S. Domingos...". Essa paróquia era "adequada à missa recôndita e anônima", um ato sem relevo, "sem pêsames nem lágrimas", como queria o casal ao mandar dizer missa por alma de um parente pobre, falecido em Maricá, sem que aquela repercutisse em seu meio social.(Machado de Assis, 1959d:23) Mas, se esse templo era das camadas pobres, os ricos ou novos ricos, como a senhora Santos, que se queixou que ali sujara o vestido e enchera-se de pulgas, preferiam a de S. Francisco de Paula ou a da Glória, localizadas em bairros ricos como Flamengo, e que eram, consideradas "limpas". Ali os endinheirados tinham como "uso velho" mandar dizer missas aniversárias de datas obituárias e natalícias.(Machado de Assis, 1955i:94-5)

Muitos freqüentavam a igreja mais por imposição social dos mais velhos, por ser lugar de se mostrar e estabelecer relações sociais, do que por devoção sentida. A jovem Maria Olímpia "tinha a vocação da vida exterior" e sentia "um singular feitiço" nas procissões e nas missas pelo rumor e pela pompa. Ia à igreja conduzida pela tia, que "era religiosa" e tinha gosto particular em mostrar-se e em namorar os rapazes. Sua "devoção magra" escasseou "ainda mais" com a chegada do "primeiro espetáculo e o primeiro baile". Os salões tornavam-se os novos lugares, do encontro e do divertimento e muitos "já então confundiam as práticas religiosas com as canseiras da vida, e fugiam delas".(Machado de Assis, 1959d:23-4, 28 ; 1957d:280 ; 1955i:95) Virgília também representa o comportamento da nova mulher presa nas forças seculares, ao ser uma jovem senhora casada que possuía um amante e mostrava-se "pouco religiosa", "não ouvindo missa aos domingos" ou só indo "às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna". Além disso, "tachava de beatas" aquelas "que eram só religiosas", o que aponta, por outro lado, a existência de mulheres que se dedicavam em excesso às práticas religiosas. Porém, "rezava todas as noites, com fervor, ou pelo menos, com sono", em sua alcova, junto a seu "oratoriozinho de jacarandá". Já os homens eram considerados, "em geral, uns ímpios", não pisavam "na igreja, a não ser para batizar os filhos".(Machado de Assis, 1957e:185 ; 1957f:257)

Mas, se os indivíduos substituíam seus hábitos sociais e religiosos, que, com suas festas, "eram todo o recreio público e toda a arte musical" em tempos antigos, até mesmo a igreja não escapou da ação secularizante e mundanizou-se. Adotou os carrilhões, um conjunto de "sinos musicais", que tocavam peças profanas chamando os fiéis à missa, substituindo "os pobres sinos" das igrejas e produzindo "uma orgia de notas", não de "músicas enfadonhas, austeras, graves, religiosas", mas "sons alegres e animados" como "pedaços do *Barbe Bleue*, da *Bela Helena*, do *Orfeu nos Infernos*; uma contrafação de Offenbach ..." ou o *Amor tem fogo*, tocados, geralmente, nos cassinos e no Alcazar, teatro de opereta e da vida boemia. Assim, segundo Machado a missa da manhã e o "fandango da noite" aproximavam-se.(Machado de Assis, 1957d:61 ; 1959c:168-9 ; 1955d:250; 1959a:68-9)

Outro costume do tempo dos vice-reis com significado alterado no processo de modernização, expressando pouca devoção e grande apego ao mundo terreno, era o de ingressar em confrarias e irmandades religiosas. Nos tempos antigos, ocorria por "amor às coisas pias", mas, no momento, era pela busca de "recompensas" imediatas advindas do individual "desejo de tornar matéria pública a importância do sujeito e seu espírito caritativo", mediante a retribuições, como a instalação de "retrato na sacristia", a emissão da notícias para publicar em jornais sobre "os benefícios que praticava", além da divulgação realizada pelo próprio "beneficiado". Desta forma, por meio do benefício e da publicidade do nome e figura daquele que o fêz, entrava-se "nas cogitações públicas", tornando-se sempre "lembrado". Mesmo as irmandades de "damas" eram igualmente usadas para dar brilho a suas "juízas", principalmente, quando os jornais davam "notícia minuciosa" das festas com os nomes das organizadoras. O anúncio, nas folhas, era um "troco da glória".(Machado de Assis, 1957d:26,205-6 ; 1957e:350, 412-4 ; 1956b:44)

O mesmo ocorria em relação as atividades associativas filantrópicas de cunho religioso e assistencial erguidas frente ao crescimento da pobreza e da mendicidade. As associações de caridade, que aumentaram na cidade, sendo muitas organizadas por senhoras que coletavam donativos e repartiam-nos aos famintos, amoldavam-se ao mundo profano e desviavam-se do sentido religioso. Por um lado, adequada ao sentimento cristão, a mendicidade e os pedintes de esmola, em portas das igrejas, traziam às pessoas, mesmo às mais pobres com seus míseros vintènzinhos, a ocasião de beneficiar suas próprias almas, pois, por meio da caridade, punha-se em prática o evangelho, almejando salvar, especialmente a si mesmo e nem tanto ao estranho necessitado. Por outro, o benefício alcançado com a caridade podia restringir-se ao mundo material e não espiritual, como ocorria com Sofia, que usou de uma comissão de caridade de senhoras para pôr-se em evidência e criar vínculos com pessoas de destaque na sociedade que lhe dessem um empurrão para cima, na sua busca de ascensão social. Além disso, nesse "século utilitário e

prático", marcado pelo avanço das forças de secularização e perda do espírito cristão, até mesmo a caridade tornava-se "escriturada, legalizada, regulamentada ..." (Machado de Assis, 1955b:71 ; 1959a:283-4 ; 1957f:192 ; 1957e:190-2 ; 1959d:301)

Junto ao povo, o "gosto das procissões" vinha de longe e estava bastante arraigado. Era, para os antigos, "uma tradição de infância", costume da primeira metade do século, do "tempo do rei" e suas "predileções confessadas por todas as velhas carolices", as quais seus contemporâneos choravam e pediam pelos "tempos dos oratórios de pedra, dos terços cantados, das procissões bem ordenadas, das ladainhas atrás do viático, das boas festas e dos bons frades, da verdadeira fé e dos verdadeiros filhos de Deus". Mas, já em 1865, essas procissões clássicas podiam "*dar idéia de tudo, menos de um culto sério e elevado*", pois, ao lado dos anjinhos e andores floridos, os homens iam em filas; uns com tochas na mão, outros com "vara do pálio", disputadas pelos fiéis, pois dava uma "distinção especial" a quem a trazia. Alguns iam "dizendo pilhérias à esquerda e à direita", enquanto os assistentes comentavam as graças juvenis do anjo cantor, que era sempre moça feita. Desta forma, Machado julgava que essas procissões e semelhantes práticas eram ridículas, não podendo subsistir numa sociedade verdadeiramente religiosa, pois uma "folia, mesmo para os mais sinceramente religiosos", com as quais "os sacerdotes sérios" não deveriam conservarem "cúmplices".(Machado de Assis, 1958a:101-2. Grifo meu)

Existia ainda a "luta tradicional" travada entre os diferentes templos "com o único objeto de *primar uns sobre os outros no luxo* das suas procissões respectivas", sendo "essa luta, por demais profana" e "manifestava-se por uma acumulação de prata e ouro nos andores", no "mais numeroso concurso de irmãos e de anjinhos, e outras coisas iguais". Vivia-se o sagrado meio à "folia", "comentários dos assistentes", "pilhérias", disputas e à busca do "brilho" e da "distinção", do que Machado duvidava "muito que a divindade visse com bons olhos estes conflitos de primazia".(Machado de Assis, 1958a:101-2 ; 1957c:98-100. Grifo meu) No entanto, se as procissões eram filhas da tradição, em 1865, algumas delas já haviam sido "suprimidas" pelo processo de modernização da igreja e, para o cronista, tudo fazia "crer que as restantes" também seriam. Nesse sentido, em 1893, avalia com certa melancolia a diferença entre uma procissão de São Sebastião daquele ano e as de outrora dizendo: _ "Ordem, número, pompa, tudo o que havia quando era (...) menino, tudo desapareceu..."(Machado de Assis, 1958a:101 ; 1959a:220)

Porém, se o sagrado e o profano apresentavam-se quase sempre de mãos dadas, inclusive na esfera das práticas católicas oficiais, essa interpenetração tinha certos limites. Em 1896, uma sociedade carnavalesca foi proibida de sair em desfile por se denominar Nossa Senhora da Conceição. De acordo com o cronista, esse título parecia esquisito, "mas se a intenção é que salva, a socieda-

de vai para o céu", pois "os autores da idéia [eram], com certeza, fiéis devotos da Virgem, e não [tinham] o carnaval por obra do diabo." Porém, apesar desse posicionamento, o folhetinista acabou por concordar com a proibição, enfatizando que se tal sociedade tinha "igual gosto às idéias profanas", deveria "adotar denominação adequada" e que "não faltam títulos..."(Machado de Assis, 1957b:108-9)

As festas das igrejas e dos santos eram populares e reuniam muita gente, mas sofriam também a ação dos novos tempos e perdiam seu interesse. Eram de maior destaque a festa da Glória, da Penha, da Conceição, de Reis, de São Sebastião, do Espírito Santos e de São Benedito. Em tais festas, tinham lugar tanto a religião, com missa, que poderia ser cantada, e até um *Te-Deum*, quanto o recreio, com fogos de artifício, barracas, corretos, leilão de prendas... Embora houvesse entre elas algumas diferenças, de acordo com o folhetinista, "ao cabo de tudo [era] a mesma alegria e a mesmíssima diversão", o que o levava a lastimar "que o fogo de artifício da Glória e o garrafão da Penha [levavam] mais fiéis que o objeto essencial da festividade", pois, se é certo que todo caminho leva à Roma, não o é que todo caminho leva ao céu. Todavia, já em 1878, o cronista dizia que, talvez, essa festa tivesse findado como tinham "acabado muitas outras devoções populares, meio religiosas, meio recreativas." Para ele, "O elemento estrangeiro" transformou os costumes, com "muita patinação, muita opereta, muita coisa peregrina, que tirou à nossa população a rusticidade e o encanto de outros tempos".(Machado de Assis, 1958b:121 ; 1956b:207; 1955g:410 ; 1959c:225, 103 ; 1957c:77 ; 1955d:147-8. Grifo meu)

A festa do Espírito Santo, igualmente, desaparecia e, em 1870, o contista, em *A Parasita Azul,* que transcorre por volta de 1850 em Santa Luzia, Goiás, ao falar desse festejo, aponta que "vão rareando os lugares em que de todo se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras..." No entanto, na Corte, ainda persistia o hábito de muitos irem ver suas barracas. Não era diferente com a festa de Reis e dos santos juninos. Se, em 1864, Machado falava que a festa de S. João tornava-se falsificada, sem fogos, fogueiras e balões proibidos por postura municipal, em 1878, dizia que "não obstante o ceticismo do tempo, muita e muita dezena de anos [havia] de correr, primeiro que o povo [perdesse] os seus antigos amores", como foguetear os três santos em junho. Porém, já em 1894, trata "da morte de S. João" e também de Reis. Sobre a última comenta que não sabia se essa "festa popular" perdurava "no interior", pois na capital tinha morrido "há muitos anos" e brotado em sua cinzas a árvore de Natal vinda da Europa. Frente a essas mudanças, De Assis lamenta que "os anos que passam tiram à fé o que há nela de pueril, para só lhe deixar o que há sério". Para ele "triste daquele a quem nem isso fica: esse perde o melhor das recordações" de um tempo "simplório e velho" de "noites abençoadas" em que "as crendices sãs abrem

todas as velas. As consultas, as sortes, os ovos guardados em água, e outras sublimes ridicularias..." as quais via "com respeito, com simpatia", e, se alguma coisa o molestava, era por "não as saber já praticar".(Machado de Assis, 1957e:62; 1955f:46 ; 1955a:318; 1957h:171-2 ; 1958a:93-4 ; 1955d:31-3, 241 ; 1959b:13-4, 123-4)

Mas, se na cidade "o vento dos tempos" desfazia em "lufadas de tufão" essas práticas populares antigas arraigadas no imaginário coletivo, no interior, ele era "brisa igual e mansa que tudo esfolhava e dispersava devagar". Assim, em 1864, o cronista tratou de um morador de Viana, descobridor de uma imagem de Santa Teresa que lacrimejava e, supondo ser milagre, pôs "em alvoroço os crédulos vianenses", considerando procedente realizar exame do fato por uma comissão de eclesiásticos. Em 1870, comentou a realização das festas do Bom Jesus em Pirapora, que reuniam anualmente um número extraordinário e crescente de romeiros, calculados naquele ano em 8.000 pessoas. Já, em 1873, escreveu sobre uma senhora que enlouqueceu, quando, depois de longa seca, pediu chuva "enterrando uma imagem de Santo Antônio no mato" e alcançou o pedido. Porém, como a chuva abundante não cessava, ao contrário, "o aguaceiro ia a mais", matando inclusive animais, voltou ao buraco, por acreditar que a precipitação só cessaria após desenterrá-lo, mas não o encontrou, entrando a supor que os males derivavam da ação que praticara. O cronista, comentando o fato de Santo Antônio gozar entre seus devotos "do exótico privilégio de não conceder nenhuma graça senão enterrado ou metido num poço", só operando "milagres a troco da liberdade", considerava que uma senhora religiosa fizera-se supersticiosa e que "quando a fé chega a este ponto está já muito além das fronteiras da superstição", deixando seu praticante sem "nenhuma das grandes consolações da fé", trazendo-lhe "o desespero e a loucura". Ainda nesse universo, já em 1876, trata da existência de duas mulheres santas e milagrosas, uma que apareceu na Bahia em torno da qual formou "romarias dos seus devotos" e outra, "velha milagrosa", que diziam curar "doenças incuráveis com ervas misteriosas".(Machado de Assis, 1955c:144-5 ; 1958a:227-8, 283-4 ; 1959c:181-2)

Desta maneira, as esferas do sagrado e do profano, da fé, da devoção e do recreio estavam bastante imbricadas no que concerne às práticas dos católicos, havendo uma circulação e influência recíproca entre as instâncias das cerimônias e rituais oficiais e sua recriação pelos leigos, entre o divino e a folia, entre o culto e a festa. Os momentos e lugares em que essas aspirações se concretizavam em práticas sociais serviam também para promover a interação dos indivíduos. Mas, deixando esse sobrevôo sobre a sociedade carioca e focalizando nosso olhar num segmento específico desta, como na comunidade negra, podemos perceber outros aspectos da cultura religiosa carioca. Dessa cultura, híbrida, amalgamada no território fluminense observamos, primeiramente, as práticas ao redor de alguns personagens idosos,

os quais, de forma geral, são vistos como conhecedores dela e, por isso, respeitados.

Nesse meio social, existiam aqueles inseridos na tradição católica como "uma preta velha" do conto *O Escrivão Coimbra*, que Camilo viu na igreja, "ajoelhada diante do altar de S. Bernardo, com um rosário na mão", parecendo "pedir-lhe alguma coisa, se não é que lhe pagava em orações o benefício já recebido", até que "acabou beijando a cruz do rosário, persignou-se, levantou-se e saiu". Outros aparecem como detentores de conhecimentos tradicionais e seus transmissores, sendo rezadores, que pediam guarda para seus senhores ou sabedores de promessas célebres, como "mandar dizer cem missas, ou subir de joelhos a ladeira da Glória para ouvir uma, ir à Terra Santa..."(Machado de Assis, 1955l:229-30 ; 1957c:71,177,279) O negro idoso está presente no universo das atividades católicas como sineiros, a exemplo do preto velho de *Casa Velha,* que, embora muito atrelado às tradições africanas, era sineiro, mas "não fazia mais que tocar o sino da capela, para a missa, aos domingos". Igualmente nesse ofício, Machado destaca João, "o sineiro da Glória", que de escravo ficou livre, governando por quase meio século aquela torre, regendo a paróquia e contemplando o mundo de lá. Repicava por casamentos, nascimentos, batizados, mortes. Dobrava pela febre amarela, o cólera-mórbus, os partidos que subiam ou caíam _ sem saber deles _, pela guerra do Paraguai, pelos mortos e pelas vitórias, pelo ventre livre das escravas, a abolição, a República, pelo império_ se o império tornasse. Tudo "conforme a ordem".(Machado de Assis, 1956b:193-4 ; 1957b:431-3)

Outras Ofertas e tensões: Feitiçarias, Adivinhações e Espiritismo

Já outros negros velhos aparecem atrelados às tradições ancestrais mais circunscritas, sendo depositários de poderes de proteção e guardiões de vários elementos que expressam traços culturais singulares das sociedades africanas. O negros produziram com suas línguas, danças, folguedos, sonoridades, cantos e batuques, uma ruptura com a visão de mundo ocidental, ao recorrerem, mesmo que na clandestinidade, a seus ritos, seus deuses, criando uma cultura negra brasileira a qual recorriam alguns de seus senhores. Em tal contexto, embora inseridos em universo simbólico marcado pela multiplicidade de crenças, práticas e visões de mundo, alguns aspectos da expressão lingüística usada no cotidiano por brancos, negros e mestiços, livres e cativos, indicam associações ao cultos africanos, nos quais a idéia de família e de laços de parentesco permeiam os relacionamentos sociais e religiosos, que são intimamente ligados. Desta forma, alguns pretos velhos eram chamados de "*Pai*", sendo vistos como bondosos, humildes, generosos e paternais.(Machado de Assis, 1955d:392 ; 1957c:279)

Outros pretos velhos, de modo mais direto, traziam conhecimentos ancestrais, produzindo rituais que funcionavam "como um feitiço protetor", às vezes, acendendo velas, tocando marimba, cantarolando, em alguns instantes, "baixinho umas vozes de África", cantilenas alegres, guerreiras, entusiastas... , em outros, cantigas falando de "santo de trabalhar", " de comer".... o que remete às práticas das oferendas e ao princípio do candomblé de existência de forças vitais e sagradas, que perpassam todos os aspectos da vida material e cotidiana como as tarefas, as formas lúdicas, como a música, a dança, o canto, o gesto... Assim, tanto Raimundo, de *Iaiá Garcia*, empertigava o corpo "dando aos quadris e ao tronco o movimento de suas danças africanas", quanto o preto velho de *Casa Velha*, que cantava: "Calumga, mussanga, monandenguê..." dando "ao corpo umas sacudidelas para acompanhar a toada africana", além de recorrer às tradições orais ao contar histórias muito compridas e sem sentido algum para os brancos, pois forjadas e inseridas noutro universo simbólico da maioria deles ignorado. Desta forma, essas manifestações mantinham uma memória reveladora de matrizes africanas, que era alimentada pela dança, pela palavra, pelos gestos ou pelos objetos e outros veículos de expressão e comunicação.(Machado de Assis, 1955h:11,14 ; 1956b:193-4; 1957b:432-3)

No entanto outros aspectos expressam ainda a religiosidade no universo de uma cultura afro-ameríndio-brasileira na obra machadiana, como a feitiçaria. Num momento em que em nome da civilização, da ciência e da razão, os intelectuais e as autoridades médicas, políticas e policiais voltaram-se contra práticas variadas, denominadas genericamente de feitiçaria. Machado abordou essa questão de modo bastante próprio. Não associou tais práticas ao universo sócio-cultural específico dos negros como faziam outros jornalistas e tampouco os apreciou *a priori* de modo negativo e condenatório. Contrapôs-se ao conteúdo de muitas notícias divulgadas na imprensa, nas quais o negro era "o bruxeiro, o feiticeiro", violento e bárbaro, com a figura de Raimundo, que produzia "um feitiço protetor" a seu senhor, afastando da imagem do preto que fazia feitiço maléfico para seus proprietários.(Schwarcz, 1987:125-8 ; Machado de Assis, 1955h:10)

Ao tratar da batalha contra os antigos hábitos religiosos tradicionais das gentes, em 1893, o cronista anunciava ter medo do código penal de 1890, no qual havia "um artigo que castiga duramente as pessoas que advinham o futuro; tão duramente como as que aplicam drogas para excitar ódio ou amor", para fascinar e subjugar a credulidade pública. Com base nesse, as autoridades recolhiam à detenção curandeiros e feiticeiras, "levando as ferramentas" desses "ofícios (...) incluídos no código como delitos", como aves mortas, pernas de ceroula, saquinhos com feijão, arroz, farinha, sal, açúcar, canjica, penas e cabeças de frangos, usados na busca de estabelecer uma aliança com o sobrenatural a partir da ação de alimentar, que fortalece e mantém

vivos deuses e homens.(Machado de Assis, 1959a:288 ; 1959b:308) Para De Assis, a feitiçaria era algo "natural do homem", vista em várias "tribos primitivas", além de ser um ofício que garantia renda a muitos, impedindo-os de furtar e matar para sobreviver e infringir "os mandamentos da lei de Deus", que "não falam de feitiçaria, mas de furto." Ironicamente, diz que "por estar doente", acreditar na feitiçaria e por julgar que são sempre os interesses pessoais que determinam tudo neste mundo, estava com "grandes desejos de acudir à feitiçaria", considerando, então, incorreto incluir a feitiçaria no código penal como delito e prender senhoras "só porque fecham o corpo alheio com os seus olhos..." e com seus demais objetos de culto.(Machado de Assis, 1959b:308-11)

Machado rarefez o clima hostil de desqualificação dessas práticas e dos seus agentes não as associando aos negros e enfatizando, incansavelmente, que esse velho costume de buscar nas "feiticeiras", "adivinhas" e curandeiros, quase sempre mestiços _caboclos e caboclas _, auxílio às inquietações e agruras, não só se restringia ao povo. Muitas pessoas "de posição" na sociedade recorriam aos adivinhos e curandeiros, e os últimos curavam tanto com ervas como por meio de rezas. O curandeiro Nascimento curava muitas "mazelas que devastavam a cidade", como barriga d'água, com "passes de evocação de defuntos", de "espíritos diferentes", ou arrancava dentes, além de "ler, como as adivinhas", mandando "com tais e tais palavrinhas". Já o curandeiro Tobias "falava em prosa sem o saber... curava em línguas clássicas" até ser preso com suas "bugigangas e drogas", tais como "esporões de galo, pés de galinha secos, medalhas, pólvora e até um chicote feito de rabo de raia...", incluídos no aparato instrumental de seus rituais. (Machado de Assis, 1956c:248-9, 267-8 ; 1955d:426-7)

Buscar os adivinhos e feiticeiros era costume presente entre as classes ricas, ainda que nestas muitos preconceitos contra tais práticas existissem, levando, muitas vezes, a consultas escondidas, como ocorre em *Esaú e Jacó*, ao redor de uma cabocla muito conhecida do Morro do Castelo. A fama dessa adivinha era grande e, segundo o narrador, "muita gente boa" lá ia, "pessoas da sociedade falavam dela a sério" e havia "um caso recente de pessoa distinta, um juiz municipal, cuja nomeação foi anunciada pela cabocla". A cabocla era muito falada na cidade e "reinava" lá no morro, possuindo freguesia numerosa que vinha de muitos meses sendo "sinal certo da vidência e da franqueza da adivinha". "Toda a gente falava então da cabocla do Castelo, era o assunto da cidade; atribuíam-lhe um poder infinito, uma série de milagres, sortes, achados, casamentos". Afirmavam "que ela adivinhava tudo, o que era e o que viria a ser..." Para o povo parecia "que era mandada de Deus". Eram muitas as notícias sobre seus feitos e havia gente que dizia que "conhecia pessoas que tinham perdido e achado jóias e escravos." De acordo com o narrador, "A polícia mesma, quando não acabava de apanhar um criminoso, ia ao Cas-

telo falar à cabocla e descia sabendo; por isso é que não a botava para fora, como os invejosos andavam a pedir... A cabocla explicava sonhos e pensamentos, curava quebranto..."(Machado de Assis, 1959d:43-4)

Segundo Aires, tal costume era "velho e velhíssimo" e, no interior da casa simples, não havia "nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum petrecho simbólico, nenhum bicho empalhado, esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registro da [festa de Nossa senhora da] Conceição colado à parede podia lembrar mistério... mas não metia medo". A cabocla é descrita com simpatia e o ritual sem afetação. "Era uma criaturinha leve e breve (...) corpo airoso", com um raminho de arruda nos cabelos, o que já lhe dava um certo ar "de sacerdotisa", embora seu "mistério" estivesse mesmo era "nos olhos", agudos e compridos, que entravam pelo consulente revolvendo-lhe o coração, ao tempo que interrogava. Em transe, de posse de retratos e cabelos de alguém ausente, com um cigarro acesso, ao som de uma viola e de cantigas do sertão do Norte murmuradas por um velho caboclo, entrava a dizer sobre as "coisas futuras", até que, por fim, o freguês, se alegre e rico, tirava uma nota de cinqüenta mil-réis, quando o preço do costume era cinco vezes menos, arrecadava seus objetos e saía.(Machado de Assis, 1959d:7-16) Essa cabocla, com origem no norte do país, assim como outros caboclos curandeiros perseguidos pela polícia, remete à presença dos caboclos no universo das práticas religiosas brasileiras, que, sendo figura mestiça, está vinculada a nossos ancestrais nativos, os índios, donos da terra e ligados à natureza no tradição dos cultos afro-brasileiros.

No entanto, no campo das batalhas religiosas, tais práticas tiveram outros opositores, tal como os adeptos do nascente espiritismo, que, contagiados pelo "espírito positivo-cientificista" do momento, na busca de credibilidade pública e de converter fiéis incutindo-lhes seus pressupostos, diziam possuir doutrina regida por "leis científicas" ao querer "excluir qualquer mácula de seita" e julgavam-se "sabedores das verdadeiras luzes do mundo" e "de verdades eternas". Desta forma, um iniciado nessa religião defendia uma consulta espírita e não à cabocla do Castelo, por mais que ela fosse célebre. Recorrer a ela "seria imitar as crendices da gente reles" e só ocorreria até "enquanto a polícia não pusesse cobro ao escândalo...". Já numa consulta espírita, "algum espírito podia [dizer] a verdade em vez de uma adivinha de farsa..." Para um medium espírita, "enfiado em larga camisola de seda" e usando "toda a terminologia espírita", assomada de "casos, fenômenos, mistérios, testemunhos, atestados verbais e escritos", a cabocla devia ser deixada à fé das senhoras, pois eram delas "crenças da meninice".(Machado de Assis, 1959d:7,9,11,38,43-6,64,67,70 ; 1957h:10-1)

Cabe aqui ressaltar que nesta obra, *Esaú e Jacó,* a qual trata desses variados aspectos espirituais acima apontados, advindos de tradições culturais e religiosas diversas, Machado sintetizou o hibridismo de nosso campo religi-

oso, expondo a imbricação das práticas originárias dos ameríndios com o catolicismo e o confronto com o espiritismo, que, amalgamados, criavam as bases do que seria, posteriormente, denominado de umbanda. Aponta que os nomes dados às pessoas podem predestinar seus caminhos ao estabelecer ligação entre o fato dos filhos do casal Santos chamarem Pedro e Paulo, os quais a cabocla disse terem brigado no ventre da mãe e indicando as rivalidades entre estes, porque os dois apóstolos do *Novo Testamento* também brigaram, assim como Esaú e Jacó, figuras do *Velho Testamento,* tinham ainda brigado por causa da primogenitura.

Porém Machado não recorre ao espiritismo apenas nessa obra. No conto *Uma visita de Alcibíades*, o desembargador Álvares, que por sua posição, juntamente com Santos, acima citado, indica o meio abastado em que essa doutrina propagava, ao ler Plutarco, fumando um charuto, que possibilitava envolver "a imaginação numa espécie de nimbo extremamente favorável às evocações mentais", transportou-se para a antiga Atenas, pois lia a vida de Alcibíades, até que, ao terminar de fumar, voltou aos tempos modernos e de súbito pensou qual seria a impressão daquele ateniense sobre nosso vestuário. Desta feita, enfatizando que era "um tanto espiritista (...), até muito", podendo mesmo dizer que vivia, comia, dormia, passeava, conversava, bebia café e esperava "morrer na fé de Alan Kardec", pois "convencido que todos os sistemas são pura niilidades", tinha adotado "o mais jovial de todos". Assim, sendo espiritista, evocou Alcibíades a comparecer em sua casa e esse o fez rápido, aproximando duas civilizações. Mas, esse "não era uma sombra impalpável" e, sim, "um homem de carne e ossos", que se sentou benevolamente a sua frente, entrando a conversar sobre o assunto de interesse, até que o grego empalideceu, cambaleou e caiu no chão. Diante do cadáver, o desembargador mandou-o para o necrotério.(Machado de Assis, 1956a:203-7)

O espiritismo serviu como assunto em várias crônicas machadianas, nas quais, quase sempre, ri, brinca e ironiza seus enunciados e princípios, buscando, às vezes, compreendê-los, por mais estranheza que provocassem, recorrendo a estratégias cômicas. Desta forma, há momentos em que diante de situações nebulosas, como uma que exigia para sua solução conhecimento da teoria de Newton, sugere consultar o próprio, por meio do espiritismo, uma vez que não entendia nada de astronomia. Em outro, comenta que os espíritas brasileiros acabavam de dar um golpe de mestre, quando apareceu na cidade um *medium* com fama de ser prodigioso e tendo a Federação Espírita Brasileira nomeado uma comissão para estudar os fenômenos, concluiu que ele não valia a fama e que os trabalhos ficaram abaixo do que se conseguia na Europa e outros países, mas que o problema estava nas mediunidades, que "estão sujeitas a esses eclipses" e "não estão servilmente à nossa disposição". Fora isso a Federação lamentava que diante de tudo o *medium* buscasse "simular os fenômenos que obtém nas condições normais..." Segundo Macha-

do, chistosamente, "o *medium* não só foi (...) apenas *minimum*, mas até procurou embaçar a Federação."(Machado de Assis, 1958b:177 ; 1956c:123)

As estratégias e argumentos usados pelos propagadores da nova doutrina, geralmente expostos nas conferências promovidas pela Federação ou publicados na *União Espírita* na busca de adeptos e de conversões, também não escaparam à crítica machadiana, principalmente devido a sua indisposição a tudo que se propagava como sendo verdade única e absoluta, levando-o a destilar sua costumeira ironia em vários escritos sobre essa doutrina e suas práticas. Dentre eles, destacamos a afirmação de que o espiritismo é a última, verdadeira e definitiva doutrina e que substituiria todas as religiões do passado. O cronista recorre sempre a essa proposição, quando depara com fatos obscuros e impossíveis de destrinçar ocorridos na cidade, buscando solucioná-los, usando de carnavalizações, que acabam por ridiculizar toda e qualquer noção de verdade ou de tal pretensão. Isso acontece não só ao que diz respeito a essa doutrina. A artimanha para conquistar simpatias e fiéis de divulgar lista de pessoas eminentes da Europa que acreditavam no espiritismo, foi por ele também censurada, pois, no seu dizer, tudo ocorria de forma como se as pessoas devessem crer, por crer "em tudo aquilo que na Europa é acreditado".(Machado de Assis, 1955b:297-9 ; 1959b:188)

Ao redor do princípio da encarnação e reencarnação, Machado fez várias elucubrações, supondo situações tratadas de forma humorística, as quais contribuíam para difundir alguns de seus princípios. Assim, ao vislumbrar uma certa "promiscuidade geral dos desencarnados", divulga o princípio de que o espírito pode reencarnar, inclusive, na mesma família, sendo viável que um homem pudesse ter uma filha, depois morrer e voltar filho dela ou um menino voltar filho de um primo. Se, em alguns momentos, pesa a mão contra os espiritistas, dizendo que "o espiritismo não é menos curanderia" que os outros curandeiros e que, se fosse "legislador, mandava fechar todas as igrejas dessa religião", em outros, em tom até didático, enfatiza que "o princípio espírita é fundado no progresso", e a lei é "nascer, morrer, tornar a nascer e renascer ainda, progredir sempre", sendo que "o renascimento é para melhor. Cada espírita, em se desencarnando, vai para os mundos superiores". Reflete ainda sobre a distância entre o espiritismo e o bramanismo, dizendo que "o princípio espírita não é o mesmo da transmigração, em que as almas" vão para os corpos dos animais, mas fundado no progresso.(Machado de Assis, 1959b:100-2,188)

Acreditando ser representativo do pensamento último de Machado a respeito do espiritismo, em 1895, ele defende seu exercício, pois a Constituição estabelece o direito de liberdade religiosa. No seu dizer, o espiritismo é uma religião, que ele não sabia "se falsa ou verdadeira", embora os espíritas dissessem "que verdadeira e única", frente ao que ressalta que "presunção e água benta cada um toma a que quer". "Se verdadeiros ou não, [continua] o

fato é que "escrevem-se e publicam-se inúmeros livros, folhetos, revistas e jornais espíritas", e no Rio havia uma ou duas folhas espírita, além do que acreditava que "não se gasta tanto papel, em tantas línguas, senão crendo que a palavra que se está escrevendo é a própria verdade..." Para finalizar , no ano seguinte, 1896, comenta que "há muito que os espíritas afirmam que os mortos escrevem pelos dedos dos vivos" e que para ele "tudo é possível neste mundo e neste final de um grande século".(Machado de Assis, 1957b:26,274)

Desta forma, a cultura carioca oitocentista está permeada de formas diversas de religiosidade e de experiências voltadas para a busca de ligação com o divino. O campo religioso apresenta-se marcado pela presença de possibilidades variadas de vivenciar a procura do sagrado, as quais tanto debatem em confronto entre si, quanto se aproximam nas práticas dos fiéis, produzindo formas híbridas e sincréticas de religiosidade, que não só vinculam os homens a seus deuses com também aos outros homens, constituindo em parte de seus laços de sociabilidade.

Fontes e Referências Bibliográficas

BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas, no. 28, p 49-69, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais:* morfologia e história. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Contos Fluminenses v.2*. São Paulo: W.M.Jackson inc., 1955a .

__. *Crônicas v. 1.* __. 1955b.

__. *Crônicas v. 2.*__. 1955c.

__. *Crônicas v. 4.*__. 1955d.

__. *Helena*. __. 1955e.

__. *Histórias da Meia-Noite* .__. 1955f.

__.*Histórias Românticas*. __. 1955g.

__. *Iaiá Garcia*. __. 1955h.

__. *Memorial de Aires*. __. 1955i.

__. *Páginas Recolhidas*. __. 1955j.

__. *Relíquias de Casa Velha v. 1.* __. 1955l.

__. *Contos Esquecidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956a .

__. *Contos Sem Data*. __. 1956b.

__. *Diálogos e Reflexões de um Relojoeiro*. __. 1956c.

__. *A Mão e a Luva*. São Paulo: W.M. Jackson inc., 1957a

__. *A Semana v. 3.* __. 1957b.
__. *Dom Casmurro.* __. 1957c.
__. *Histórias Sem Data.* __. 1957d.
__. *Memórias Póstumas de Brás Cubas .*__. 1957e.
__. *Quincas Borba.* __. 1957f.
__. *Relíquias de Casa Velha v. 2.* __. 1957g.
__. *Várias Histórias.* __. 1957h.
__. *Contos e Crônicas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958a .
__. *Crônicas de Lélio.* __. 1958b.
__. *A Semana v. 1.* São Paulo: W.M.Jackson inc., 1959a .
__. *A Semana v. 2.* __. 1959b.
__. *Crônicas v. 4.*__. 1959c.
__. *Esaú e Jacó.* __. 1959d.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro:* jornais, escravos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.